ANTIÓGENES
CHAVES

DELMIRO GOUVEIA



INDUSTRIAL

929
C438d
1966 / Ex.01 F000242

COLEÇÃO ANI
NATAL
1966

FARN

ANTIÓGENES
CHAVES

DELMIRO GOUVEIA



MAIS QUE INDUSTRIAL

COLEÇÃO ANI - 1966

FARN

Delmiro Gouveia, Mais que Industrial

Coleção ANI (Associação Norteriograndense de Imprensa)
Presidencia do Jornalista AGNELO ALVES — 1966
NATAL — RN

FARN

Antiógenes Chaves, mais do que conferencista

MAURO MOTTA

"Delmiro Gouveia mais do que industrial" é o tema desta conferência lida por Antiógenes Chaves, em junho de 1963, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, promotor das comemorações ao centenário do Recife, e em Natal, a pedido do governador Aluízio Alves e que agora o jornalista Agnelo Alves toma iniciativa de publicá-la.

Mais do que industrial, nesse caso, quer dizer, além do que Delmiro foi — domador de águas selvagens, fazendeiro, empresário, urbanista (veja-se o que fêz do Derbi no Recife e de Pedra em Alagôas) um antecipado no emprêgo dos métodos de enriquecer esta Região e da justiça social — aquilo que lhe permitiu ser tudo isso simultâneamente, com a mesma grandeza e os mesmos impulsos reivindicadores.

O quê? O senso das necessidades públicas e da luta contra o subdesenvolvimento, aqui tão bem apreendido, a fôrça interior sòmente comparável à dos dínamos da sua usina, o espírito de solidariedade presente não só nas palavras: nas decisões no meio da comunidade.

Antiógenes Chaves mais do que conferencista, do que simples conferencista enumerativo, eis o que se poderia dizer também para fixar o sentido desta conferência, com as suas nuanças psicológicas, embora sem êste planejamento, sôbre o precursor das obras de Paulo Afonso. Pois êste precursor, graças à coleta, em primeira mão, de informes entre os sobreviventes de sua época, entre contemporâneos, que com êle conviveram e trabalharam, portanto graças a informes colhidos numa tradição oral ainda viva, sem as deformações do ouvi dizer, aparece aqui através de espectos de sua personalidade que a completam em profundidade e extensão.

Aparece na face do amor à verdade. Numa festa, em sua fábrica, para distribuição de prêmios (inovação há meio século) observou que certo operário os recebera três vêzes. A norma vigente em tal circunstância seria a da expulsão do traficante. Mas quando êste, inquirido pùblicamente sôbre a falta, confessou-a também pùblicamente, Delmiro ao invés de tomar os recebidos além da conta, deu-lhe mais três presentes, achando que os merecera por mostrar-se refratário à mentira e ao subtefúrgio.

A face da fidelidade aos compromissos. O Presidente da República recomendara-o a Arrojado Lisboa para tratar de um plano de irrigação. O famoso e poderoso diretor da então Inspetoria Federal das Obras Contra as Sêcas marcou a hora da audiência para o dia seguinte. Mas, chegando ao encontro com quinze minutos de atraso, ao invés, de Delmiro, encontrou êste recado com o secretário: "Não trato com quem não é pessoa de trato".

A face da contenção nos lucros para distribuí-los com as classes pobres. Delmiro instalou 22 açougues no Recife para vender carne verde a 800 reis o quilo quando os marchantes cobravam a mais um terço dessa quantia e pretendiam duplicá-la. A face da hospitalidade, inclusive na casa de Apipucos; a da formação de uma consciência sanitária entre os seus colaboradores; a da resistência ao analfabetismo com a fundação de escolas, as facilidades para que as crianças frequentassem e a vigilância sôbre o aprendizado; a do gôsto pela música; a da proteção às plantas e aos animais; a do cultivador de rosas, a do criador de passarinhos.

São, alguns dêsses episódios, na aparência secundários, mas plenos de significação, omitidos pelos biógrafos de Delmiro, mais preocupados com a sua obra culminante, a da construção da hidrelétrica. Antiógenes Chaves tira dêles excelente partido. Comenta-os numa expressão ágil e comunicativa, em têrmos de verdadeiro ensaista. Sente o valor de todos para que sintamos o seu personagem na plenitude, para que o vejamos por dentro.

Uma das coisas que êle defende, nesta conferência, é a necessidade de Delmiro ser "ensinado nas escolas", tal a importância sem precedente de sua atuação a favor da validez econômica do Nordeste, um exemplo para as novas gerações.

Não bancou um nôvo São João. Não falou no deserto. Embora alguns professôres de geografia, pelo menos no Recife, já o tivessem, em aulas, atendido por antecipação, o seu apêlo acaba de repercutir de maneira mais perdurável na antologia (volume 3.º) de O Nosso Idioma, *obra destinada aos estudantes do curso secundário. Os autores, professôres Vandick Londres da Nóbrega e Valter Medeiros, nela incluiram trecho sôbre Delmiro Gouveia.*

Tratando-se de livro publicado de acôrdo com a orientação da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com enorme tiragem e para ser adotado em tôdas as escolas brasileiras do nível médio, irá contribuir para que Delmiro Gouveia deixe de ser apenas nordestino quanto ao conhecimento de suas iniciativas e de seu arrôjo, colocados a serviço do aproveitamento das riquezas regionais.

Lembre-se que há nesse ponto omissões injustificáveis. Que, mesmo no momento da inauguração oficial da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, o então Presidente da República mencionou, em seu discurso, todos os teóricos do vale daquele rio e esqueceu o pioneiro da captação da energia.

O truste nacional do silêncio sôbre uma das figuras máximas desta Região começa a ser rompido. Delmiro entra no conhecimento dos escolares de todo país. Isso garante a sobrevivência dêle.

Uma sobrevivência justa. Pois as matrizes da eletrificação e da industrialização do Nordeste, da melhoria das lavouras e do gado, as matrizes do primeiro posto em funcionamento do que viria a ser, cinquenta anos depois, a SUDENE, do saneamento das nossas cidades, da distribuição de gêneros alimentícios sem intermediários gananciosos, das rodovias sertanejas, não são coisas do nosso tempo. Temos de situá-las no mercado do Derbi e na exploração do couro do bode; em Água Branca; no primeiro canal de irrigação do São Francisco; na Companhia Agro-Fabril Mercantil; entre Pedra, Garanhuns e Quebrangulo. Na queda do Angiquinho e na Furna dos Morcegos, sob o comando de um homem que, mais que um homem só, era um sistema de descobrir e valorizar o Nordeste.

FARN

Conferência pronunciada pelo industrial e escritor Antiógenes Chaves, em Natal, no auditório da Associação Comercial, à convite da Associação Norteriograndense de Imprensa e COSERN (Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte), em 1963, por ocasião das comemorações do Centenário de Delmiro Gouveia.

Delmiro Gouveia, "homem privado com espírito público", na síntese perfeita de Gilberto Freyre; "civilizador de terras, águas e gentes", na definição do escritor e poeta Mauro Mota; "mestiço inspirado pelo Santo" que "ia fazer o milagre da multiplicação e remir o sertão", no verso de Jorge de Lima; "misto de arrôjo yanke, de disciplina teutônica e de urbanidade latina, caldeados pelo sol meridiano", aos olhos perspicazes de Assis Chateaubriand. Delmiro, o heroi do trabalho, no folclore sertanejo, recolhido por Paulo Dantas — "Moço, estou procurando formar a quadra dos grandes homens do nordeste, mas não acho, não. Só conheço é mesmo três: Lampião na valentia; Padre Cícero na oração, Delmiro no trabalho".

Segundo um dos seus melhores biógrafos, em ensaio inédito, merecidamente premiado, Olympio de Meneses, observador, ao vivo, dos fatos e em convivência com amigos e companheiros de Delmiro, terá êle emigrado de Ipú, no Ceará, ao açoite da sêca de 1877, ainda hoje lembrada com arrepios, dando-nos a sensação de contacto, ainda em estado de ardência, com o flagelo pretérito, que muitos de nós ouvimos contar desde meninos, mesmo os menos entrados neste século.

Em meio a tragédia e as agruras da sêca, a vegetação e plantas esturricadas, dizimando-se; os rios, antes caudalosos, "cortando"; o chão queimoso; as árvores, mirradas, amarelando; bichos e a própria gente morrendo de sêde e inanição; políticos e, até, homens notáveis, tentando encobrir e distorcer a realidade cruel que exigia auxílios maciços e mais que imediatos dos poderes públicos; alguns roubando o dinheiro do govêrno, é verdade — tudo isso teria provocado, na alma sensível do menino Delmiro, impressão profunda — de uma profundidade até as entranhas do ser. E, dentro dêle, ter-se-á estabelecido o conflito, em forma de drama humano, daquela secura e daquele sofrimento com o frescor e o socêgo da paisagem de Ipú, a água desprendendo-se da serra do Ipiapaba e, coincidência significativa, a assinalar com Mauro Mota, "numa queda de suicídio, para ir morrer mais adiante nos taboleiros cearenses".

A sêca trágica e sofrida, em contraste com aquela paisagem da meninice abstraida, mais a queda mortal e inglória da chamada Bica de Ipú, são fatos e circunstâncias a considerar, na explicação dêsse "homem só", em busca ansiosa, afoita, indomável, empreendedora, de um nordeste melhor.

É certo, cada um de nós tem o seu saber de experiência feito, que a paisagem das coisas, os sofrimentos padecidos, compõem um quadro interior, anímico, de impressões e sensações imanentes que, às vezes, esmaecem ou se misturam, e só raramente se apagam.

Estas comemorações, em Natal, como as que foram promovidas no Recife pelo IJNPS, desvendando a vida, a obra, as aventuras, as tantas afoitezas de Delmiro Gouveia, valem como edificante lição à nossa e às futuras gerações do Nordeste do Brasil.

Desejo antecipar-vos uma opinião que vem bolindo dentro de mim, desde que melhor estudei Delmiro Gouveia. A opinião de que Delmiro Gouveia deve, mesmo, é ser ensinado nas escolas, mas não só em escolas para meninos, em escolas, também, para industriais. E adiante veremos porque escolas para industriais, também.

Perfilho, menos por conclusão própria do que pela inferência de fatos e pelo confronto de depoimentos recolhidos por biógrafos e pesquisadores, a opinião de Olympio de Meneses, ao admitir que Delmiro emigrara do Ceará na sêca de 77, residindo com a mãe, a princípio em També e, depois da morte desta, vindo para o Recife.

Só então é que teria se emancipado da proteção de padrasto que o fôra *in-extremis*, o digno e bom Dr. José Vicente Meira de Vasconcelos, passando a enfrentar a vida sozinho.

Um episódio sôbre que há diversidade de opinião é o da morte do pai de Delmiro, que Olympio de Meneses admite "assassinado, sem que fosse conhecido o assassino, nem o motivo do crime", embora, em nota mencione outra versão. A versão da morte em luta na guerra do Paraguai, e que me pare-

ce elucidada por F. Magalhães Martins — "Delmiro Gouveia — pioneiro e nacionalista" — ed. Civilização Brasileira S.A., Rio, 1963.

O autor, apoiado em Gustavo Barroso e no Diário do Exército de 2 de dezembro de 1867, conta, em detalhe, o episódio da morte, na guerra do Paraguai, do bravo "capitão mandante" Delmiro de Farias, que, após luta feroz e "em consequência de mais seis golpes na cabêça e vários no corpo, foi encontrado com o crânio partido". (C. Tadeu Rocha—Delmiro Gouveia — O Pioneiro de Paulo Afonso — Maceió, 1963).

Depois do primeiro emprêgo de Chefe da Estação Ferroviária de Caxangá, referido pelos vários biógrafos de Delmiro, emprêgo que Mauro Mota destaca como aprendizado de liderança, o líder incipiente passa a despachante de barcaças. E, aos vinte anos, após proveitosa viagem ao sertão, estabelece-se no Cais do Ramos, fazendo o comércio de exportação de peles, a que, depois, junta o de algodão e, segundo outra versão, o de mamona e de couros de boi.

Registro, aqui, a suposição, já lançada, de que Delmiro, abolicionista, amigo de Joaquim Nabuco, José Mariano, José Maria, utilizaria as barcaças, também, para dar fuga a escravos.

Contemplando a saída das barcaças na dupla utilização —a comercial e a libertária — do mais econômico meio de transporte ao longo desta imensa costa marítima, correndo de velas enfunadas, sem precisão de motor nem combustível, Delmiro haveria de imaginar com o seresteiro mavioso: Deus fêz o vento para soprar o balanço do mar para ninguém desmanchar.

A vida comercial e o sucesso social de Delmiro Gouveia no Recife constituem páginas admiráveis, sugestivas, ricas de ensinamentos, dêsse homem prodigioso, a destacar-se, em lugar da maior culminância, em seu meio, alongando-se pelo Nordeste.

Um dos fatores do sucesso comercial de Delmiro terá

sido, sem dúvida, sua correção nos negócios, valendo-lhe a confiança dos fornecedores nacionais de couro, nossos bons matutos, e dos estrangeiros, clientes suspicazes. Contam-se os casos do pagamento de uma promissória que se extraviara e da pressão que sofrera, em fase de quase ruina, por parte do River Plate, havendo cumprido, embora a prazo e exaustamente, suas obrigações, o que lhe valeu o restabelecimento do crédito, em condições mais amplas, naquele severo estabelecimento bancário.

Empregado na filial de uma firma estrangeira, que fazia o comércio de compra e exportação de peles e couros, os próprios companheiros de trabalho instaram e se cotizaram para que Delmiro fosse aos Estados Unidos demover os chefes da transferência do negócio para Fortaleza, o que significaria desemprêgo à vista. Voltou investido da gerência ou da responsabilidade da filial, de que depois adquiriu as instalações, mantendo os antigos companheiros de trabalho.

Vale anotar a referência ao caso de um funcionário, Chefe de Seção, que êle mandou a Londres para tratamento de doença tido por grave, custeando-lhe as despesas integrais, sem qualquer desconto nos vencimentos e, ainda mais, evitando as manifestações de agradecimento à cura alcançada.

Devotava igual e irredutível aversão ao jôgo e à falcatrua, fosse esta na modalidade mais sutil do que deu exemplos frizantes e repetidos em várias fases da sua vida comercial, industrial e de sociedade.

Refere-me um seu companheiro, Diniz Peryllo, que, certa vez, Delmiro assistia, na Fábrica da Pedra, à distribuição de prêmios a operários, na presença de visitantes, anotando que um dos premiados havia recebido o seu por três vezes. Interrompeu a distribuição, chamou-o solenemente e interpelou-o, obtendo resposta confirmatória, pronta. Também, solenemente, mandou dar-lhe mais três prêmios porque não mentira, mas fêz-lhe severa e pública admoestação.

Doutra feita, convidara o companheiro, a quem estimava, a uma demonstração de que êle, Delmiro, tinha sorte no

jôgo. E, de fato, anunciou o número que ia bater na roleta e, quando o companheiro se preparava para fazer a jogada, obstou-o com vigor, permitindo-lhe, apenas, assistir a confirmação do prognóstico. Uma mera coincidência, mas que acontecera.

É, ainda, de Diniz Peryllo a referência à pontualidade de Delmiro, ilustrada por episódio curioso. Com a colaboração do então deputado federal e seu amigo Baltazar Pereira, Delmiro procurara, para expor seus planos de irrigação na "Pedra" e pleitear o apôio do Govêrno, o Presidente da República, que, após ouví-lo, o recomendou ao engenheiro Arrojado Lisboa, então desempenhando função federal relevante. Não podendo êste recebê-lo no mesmo dia, marcou audiência para o dia imediato, tendo Delmiro conferido, como era dos seus hábitos, o relógio com o do secretário que o atendera. Chegou com a antecedência e saiu, precisamente, depois de quinze minutos da hora marcada, sem acceder as ponderações de Diniz que encarecia estar em causa o interesse dêle, Delmiro. Não tratava com quem não era pessoa de tratos, foi a resposta incisiva, peremptória, e não mais voltou a procurar aquela autoridade.

Êsse mesmo companheiro assinala em Delmiro uma fôrça de vontade que ia à obstinação, até o êxito alcançado, ou, até o insucesso sofrido.

Biógráfos e companheiros de Delmiro mencionam entre suas qualidades marcantes a da bravura pessoal, com a característica de causar admiração aos humildes e incutir medo aos potentados: compreensivo e generoso com aquêles, altivo e enérgico com êstes que, temendo o prestígio e as simpatias populares, lhe moviam, em Pernambuco, acirrada e pertinaz perseguição, o próprio governador do Estado, Sigismundo Gonçalves, o Prefeito da Capital, o ilustre Esmeraldino Bandeira.

Fato que me chamou a atenção foi o de que Delmiro Gouveia, corretor de negócios no começo de sua vida comercial, veio, na fase da opulência e de fastígio, em meio a todos seus afazeres e preocupações, dar-se, de coração leve, a uma outra e meritória intermediação — a do abastecimento dos gêneros de primeira necessidade, através o suprimento nas fon-

tes de produção e tabelamento de preços, como ocorreu no mercado do Derby e, mais tarde, repetiria nas feiras de "Pedra", revelando a constância de uma determinação generosa.

É conhecido, no Recife, entre outros, o episódio da carne verde, que Delmiro passou a vender, no mercado do Derby, por oitocentos a novecentos reis o quilo, instalando para isso vinte e dois *talhos*, quando os marchantes já cobravam mil e duzentos, ameaçando subir o prêço para mil e seiscentos reis, o que provocou a intervenção governamental, visando, aparentemente, à aquisição do gado para abatimento, mas redundando em melancólico fracasso, com prejuízo da população (Olympio de Meneses)

Outro episódio, igualmente curioso e de grande repercussão popular, referido por vários dos seus biógrafos, foi o da farinha de mandioca que, escasseando no comércio, Delmiro adquirira nas fontes de produção, no interior, para vendê-la, no Mercado do Derby, a preços mais baixos que os correntes, arriscando de prejuizo os estoques da Prefeitura do Recife e dos negociantes do ramo, o que determinou a intervenção da Fôrça Policial para obstar o desembarque da mercadoria. Frustando a vigilância da guarda da estação ferroviária, Delmiro, ao mesmo tempo que impetrava e obtinha ordem de habeas corpus para transportar a mercadoria, providenciava sua retirada e promovia seu carregamento pelas ruas da cidade, organizando-se uma passeata, em que Mauro Mota assinala a circunstância de figurar como homenageado um saco de farinha.

Perseguido em Pernambuco ou no Rio pelo Govêrno do Estado, que lhe temia o arrôjo, o prestígio e a popularidade, sendo postos em seu seguimento conhecidos sicários, um dos quais identificou e reprimiu na própria Capital Federal, Delmiro, após repelido na tentativa de entendimento amistoso com o chefe da política pernambucana, e senador da República, Rosa e Silva, ameaçou, em encontro pessoal, batê-lo à bengala, provocando o refúgio do agredido numa chapelaria na rua do Ouvidor. O incidente, que não gostava de explicar, nem que fosse mencionado, valeu violento artigo de José do

Patrocínio, sob o título "A Fera". Lembrando o fato, Assis Chateaubriand, em depoimento recente, refere que o próprio Delmiro lhe contara que, mais tarde, procurou, pessoalmente, o Zé do Pato, em sua residência em Águas Ferreas, não possuido de qualquer espírito de vingança, mas para, como homem do povo e perseguido por forças poderosas, colocar o tribuno e jornalista ao seu lado. Continua a narrativa de Delmiro, reproduzida por Chateaubriand: "Bati à sua casa e na hora que lhe mandei o cartão foi um fechar de portas que parecia um bandido a procurá-lo. Esperei paciente na rua. Afinal, à janela apareceu um empregado. Disse-lhe informasse o patrão que estava, ali para ganhar a sua amizade e a sua confiança e, nunca, para lhe fazer mal. O criado que me batera a porta no rosto, voltou a fim de escancará-la. A partida fôra ganha. Caí nos braços de José do Patrocínio, e êle nos meus".

Delmiro punha, no episódio da rua do Ouvidor, à prova —à prova de fogo mesmo — sua desmedida bravura que infundia pânico aos poderosos adversários. E logo, nos albores dêste nosso conturbado Século XX, haveria de ser uma aurora em chamas a do dia 2 de janeiro de 1900, com o incêndio do "Parque do Derby", que Delmiro construira e embelezara com aquêle seu desejo, identificado por Plínio Cavalcanti, de "fazer do Recife uma cidade confortável e o maior empório comercial do continente" (apud F. Magalhães Martins). Sim, o "Parque do Derby, por êle aterrado, saneado, calçado, construido, embelezado; com mercado que era um entreposto de abastecimento da população recifense, a prêços sempre menores que os correntes; com teatro, divertimentos públicos, o primeiro hotel de classe do Estado; dotado de luz elétrica antes da própria cidade; foi incendiado notòriamente, a mando do Govêrno do Estado. Nem só a mando das autoridades estaduais, mas por elas próprias, os soldados que seriam de apagar incêndios, todavia incendiando.

O sinistro episódio, em todo seu desenvolvimento material, em suas origens subalternas, em seus propósitos mesquinhos e atentatórios aos interesses da cidade e da população, e na tremenda repercussão que provocou, está contado em lin-

guagem candente nas "Memórias de um Cavalcanti", das "Obras Reunidas de Gilberto Freyre".

Um outro fato, também referido, recentemente, por Chateaubriand, até então não mencionado, foi o do telegrama de pêsames que Delmiro, já reconquistado seu prestígio, mandou a Sigismundo Gonçalves, então decaído de poder político, por motivo da morte de um filho do implacável inimigo que lhe provocara a ruina do primeiro patrimônio e o mandara prender, fazendo-o atravessar as ruas do Recife "enquadrado pela soldadesca da Polícia". E Chateubriand dá bem o perfil dessa outra qualidade de Delmiro, o poder de perdoar, observando: "Na luta, investia com o impeto do jaguar. Depois odiava o ódio. Tinha desdem pelos que conservam o rancor das horas da peleja".

Delmiro não era homem para capitular a perseguições, nem de recuar diante do perigo, do próprio perigo de vida, que êle preferia enfrentar, desafiar.

Anote-se que, apesar dos negócios que dirigia e a que se dedicava diligentemente, Delmiro era um homem que desfrutava seu lazer, numa fuga saudável ao tédio, que, na lição sempre atualizada de Gilberto Freyre, modernos sociólogos "põem ao lado do cancer, como grande causador de mortes entre as populações civilizadas de hoje". Problema êsse, o do lazer, objeto dos mais sérios estudos e de livros especializados, importantes.

Nessas horas de lazer, Delmiro dava-se à convivência com escritores, artistas, intelectuais; cultivava e gostava de ouvir sua boa música, de frequentar seu bom teatro; esmerava-se na hospitalidade, oferecia jantares célebres, com iguarias apetitosas e bebidas generosas, assás louvadas; costumava dar seus majestosos passeios a cavalo, pelos arredores do Recife. Sabe-se que adorava as crianças, as flôres, as plantas, fizera-se defensor dos passarinhos.

Não lhe faltaram também, em meio a seus afazeres e atribulações, alguns casos amorosos, o mais estouvado e rui-

doso deles o rapto, um tanto romanesco, com toques de Dom Quixote, da menor Carmélia Eulina, na versão mais discreta, pupila do Governador do Estado, não havendo elementos para identificá-la como filha, segundo outra versão que, no entanto, teve desenvolta circulação na boca do povo.

Processado, sofrendo as mais danadas e astuciosas perseguições políticas, com a polícia e sicários, no seu encalço, Delmiro Gouveia resolve mudar-se para Alagôas, onde lhe seriam asseguradas garantias e, o que é importante, apôio público a seus arrojados planos de desenvolvimento do Nordeste.

Foi uma fuga para frente, a de Delmiro, que iria justificar a observação de Martius — o espírito de liberdade, propulsor do povoamento dos sertões do Norte, ao contrário da ambição de lucro que fôra a alavanca do povoamento do Sul.

Seu grande amor por Pernambuco, pelo Recife em particular, um amor traído pela política feita megera, Delmiro plantaria, em pleno sertão alagoano, uma cidade de alto cunho progressista e uma civilização.

Em Alagoas, estabelecer-se-ia inicialmente na aprazível cidadezinha de Água Branca, de onde fêz seu pôsto de observação da região, que, logo em passeios a cavalo, começou a perscrutar.

Adquiriu em seguida, entre as várias propriedades que lhe eram oferecidas, a de "Pedra", "lugarejo inexpressivo, de apenas cinco casas, perdido no deserto e na solidão" (Magalhães Martins) e que apresentava aspecto de abandono, a estrada de ferro, com ampla estação, quase paralizada, à falta de carga (Olympio de Meneses).

A escolha do local, a despeito dêsse abandono que, para outros, indicaria decadência, foi a mais bem avisada: a estação ferroviária à porta, a cachoeira de Paulo Afonso, rugindo a vinte e quatro quilômetros. E Delmiro em suas horas de quietude e meditação, não ouviria, apenas, o rugir da Cachoeira, escutaria, também, a retumbância poética das estrofes de Cas-

tro Alves: "A cachoeira, Paulo Afonso, o abismo! A fuga colossal dos elementos! As garras do Centauro em paroxismo, raspando os flancos dos parceis sangrentos. Relutante na dôr do cataclismo, os braços do gigante suarentos, aguentando o ranger, espanto, assombro! O rio inteiro que lhe cai ao ombro."

Terá Delmiro pensado mais além, clarividentemente, no escoamento da produção manufaturada, antevendo a fábrica quase paredes meias com a estação e, como se fôra um técnico moderno, que era possível e mais econômico transportar a energia a uma distância que, na época, se afiguraria desfavorável.

Os olhos do visionário viam longe, viam com clareza e presciência; divisavam, no futuro, o aproveitamento da energia da cachoeira até então indomada, muitos teriam por indomável; a indústria a instalar-se nessa base segura, a da energia hidro-elétrica; a produção correndo nos trens para Maceió e, através dos portos marítimos, para o resto do Brasil, em condições competitivas vantajosas com o produto estrangeiro que seria, mais tarde, posto para fora do mercado nacional.

Resolvido a domar a própria cachoeira de Paulo Afonso —andamos pelos idos de 1903 — Delmiro foi adquirindo ou contratando terras ribeirinhas, já com o plano de organizar uma grande empresa em associação com capitais americanos. Os técnicos vieram, especialmente, dos Estados Unidos a "Pedra", verificaram a grandeza e a exequibilidade do plano que discutiram, em detalhes, com Delmiro, surpreendendo-se de sua orientação e de seu atilamento, mas condicionaram a conclusão das negociações à obtenção das concessões, em forma legal, pelos govêrnos de Alagoas que a outorgara, da Bahia que hesitava e de Pernambuco (Dantas Barreto), que a recusou, suspeitando da amplitude do negócio e das vantagens oferecidas.

Desmanchava-se, assim o plano grandioso, valendo, porém, por um desafio ao empregador invencível, ao visionário que continuava um vidente do desenvolvimento do Nordeste, à base dessas "duas matérias primas fundamentais: a água encachoeirada e a fibra algodoeira".

Ressurge o "homem só" de que nos falou, magistralmente, Virginius da Gama e Melo. E organiza a Cia. Agro Fabril Mercantil, com o alto e amplo objetivo, revelado nos estatutos sociais, de "explorar, nos Estados de Pernambuco, Alagoas e Bahia, o comércio de gado vacum, cavalar, cabrum e ovino, plantio de algodão, IRRIGAÇÕES de terras sêcas, fôrça elétrica e suas APLICAÇÕES e indústria fabril".

Água, energia hidráulica, irrigação de terras sêcas, estavam bolindo no fundo da alma de Delmiro Gouveia que, desde época anterior, nutria o desejo de conhecer o Rio São Francisco.

"Quem tem água não morre pagão" ou "quem tem água só morre pagão se quiser", eram expressões, constantemente ouvidas de Delmiro Gouveia, exprimindo um sentimento imanente, provavelmente recalcado no emigrado da sêca de setenta e sete. Usando uma expressão de Gilberto Amado, veria a água jorrando das entranhas geradoras, e veria constantemente, talvez até em sonhos. "O problema da água, para abastecimento e irrigação das terras naquele deserto, foi desde o início a sua grande preocupação", sublinha um dos mais recente biógrafos de Delmiro (Magalhães Martins).

Na inauguração da energia de Paulo Afonso — 26 de janeiro de 1913 — a luz elétrica iluminando a cidade de Pedra e clareando o coração de seus já numerosos habitantes, misturando-se o calor físico e o calor humano, a água correndo nos encanamentos das casas e nos chafarizes, exclamaria Delmiro, segundo várias referências — "E isso é, apenas, uma gota dágua que tirei do oceano", prenunciando planos mais ambiciosos.

Homem do trabalho em equipe, êle presente e comandando em tôdas as frentes, Delmiro não se detinha em seus triunfos, nem permitia alardeá-los, atribuindo-os, antes, a auxiliares e colaboradores — o triunfo pertence a todos — era seu pronunciamento conclusivo e costumeiro. Compreensão que o levara à candura de aposentar os bois e os burros que tinham servido no aproveitamento e na distribuição da energia da Ca-

choeira de Paulo Afonso, proclamando-os, também, seus operários e seus irmãos. E ao episódio sugestivo, singular, Mauro Mota empresta cheiro de santidade, ao lembrar São Francisco de Assis, falando aos pássaros e Santo Antônio aos peixes.

O antigo lugarejo êrmo, soturno, com meia dúzia de casas, tornar-se-ia, pela mão de Delmiro, um núcleo populacional, estimadamente de seis mil habitantes; erigia-se em uma cidade e um empório à imagem, em miniatura, da que êle desejava fazer o Recife. Visitantes diversos destacam-lhe os bangalôs brancos, saneamento, água encanada e filtrada, praças, jardins, tipografia, litografia, hotel, teatro, cinema, clubes, banda de música, telégrafo em prédio construido e mobiliado pela empresa, telefone, escolas, sorveteria, fábrica de gêlo sob a iluminação da melhor luz elétrica do Brasil, no consenso geral.

O culto e viajado Oliveira Lima, tido e havido por má língua, externaria sua surpresa, já referida por Tadeu Rocha, fazendo adequado confronto crítico, que vale repetir: "Nunca supuz e com dificuldade o acreditaria, se não tivesse visto, que no alto sertão se encontrasse o que debalde se encontraria na zona açucareira ou mesmo nas capitais dêstes Estados, num resultado devido simplesmente — um que é tudo — ao empenho que o homem pôs em construir um edifício moral da solidez, do brilho, do que me foi dado admirar".

Assis Chateaubriand, em longo e intenso artigo, animado de notas vivazes (Diário de Pernambuco de 10 de setembro de 1917), transmite-nos, ainda quentes e calorosas, suas impressões da visita que, com Oliveira Lima e d. Flora realizara à "Fábrica de Pedra", detendo-se mais incisivamente no aspecto humano — de educação do sertanejo e de recuperação dos jagunços. E contrasta o exemplo de "Pedra" com Canudos, de Antônio Conselheiro e com Joazeiro, do Padre Cícero, compreendidos em áreas que, apesar das distâncias, têm a mesma configuração moral e política. Assis viu, em maior profundidade, êsses aspectos, limitando-se à descrição rápida e colorida da cachoeira, a espuma dançando na corrida vertiginosa, a

FARN

torrente rolando de quedas em quedas, numa espécie de fervor sagrado, obrigada a curvas aflitivas, comprimida entre arestas e gargantas para depois espreguiçar-se numa pequena angra, lânguida, taciturna e fascinadora.

Permiti-me a transcrição de alguns e o resumo de outros trechos dêsse artigo memorável, a que encontrei diversas referências que, no entanto, não lhe analisam a essência, de importância capital para a melhor e mais exata compreensão de Delmiro Gouveia — do homem e da obra.

Réplica a Antônio Conselheiro e a Padre Cícero, "Pedra" é, na observação aguda do grande jornalista, "a resposta humana de um sertanejo ao crime de Canudos". Ouçamo-lhe a evocação fascinante: "A sereia que apita no alto da fábrica, ouvindo-se a quatro léguas, anuncia ao sertanejo que a civilização não eram as granadas que lhe sulcavam o céu, nem os obuzes que lhe esfuziavam aos ouvidos, espalhando a morte e a destruição, mas aquêle éco sonoro que é uma mensagem de paz, um incentivo amigo para o trabalho e para a vida, para a concórdia e alegria entre os homens".

É que Chateaubriand marcara na "Fábrica da Pedra", em pleno desenvolvimento, "um processo de integração social admirável", encontrando, ali, "o sertanejo destemeroso; fanáticos de Padre Cícero; emigrados do arraial destruido de Canudos; uns vagos operários urbanos com as tendências impulsivas dos habitantes das grandes cidades; meia dúzia de alemães, inglêses, suiços, todos os tipos, uma multiplicidade de elementos heterogêneos, amalgamados, unificados, graças a processos que modificam, consideràvelmente, as condições fundamentais da existência individual de quase todos êsses fatores".

Vejamos outros aspectos assinalados na descrição do observador incisivo e veraz, a que junta a validez da contemporaneidade: ausência de crime; asseio dentro e fora da fábrica, individual e coletivo; adultos e crianças de dentes escovados, cabelos penteados; as carrocinhas coletando o lixo acondicionado em barrís; entradas gratis no carrocel aos alunos

que tiravam boas notas, a lista diária e matinal dos que faltavam à escola com as razões alegadas, sujeitas a sindicância e, se injustificadas, implicando na imposição de multas aos pais, que reverteriam, como as outras multas, em favor da caixa dos operários; as crianças, desde cinco, seis anos, frequentando as escolas, nove horas da noite, rigorosamente, recolhidas às suas casas, ao toque da corneta: prêmios à operária que se apresentava com vestido mais elegante e mais baratamente confeccionado; dote, às noivas, do vestido do casamento, de sapatos e grinalda; a empresa, ela mesmo, limitando o seu comércio ao das linhas, não admitindo o sistema odioso do barracão e dos vales, deixando, assim, o campo aberto às outras atividades; pagamento à Prefeitura, mediante arrematação dos impostos, do chão das feiras, livres e concorridas, mas, no caso de especulação, sujeitas a intervenção empresarial, através a aquisição de estoques nas fontes de produção para venda a preço de custo; proibição ao uso do chapéu dentro de casa, a cuspir no chão, a conversas na igreja, ao porte de arma de qualquer tipo, ao jôgo, à caça (para que o homem se torne mais dôce com os pássaros e os bichos e como meio de combate à vadiagem): disciplina no uso de bebidas alcoólicas. Em compensação, permitem-se e são estimulados todos os divertimentos e jogos honestos—cinema, bilar, patinação, danças, retretas, o namoro às claras. Aos domingos, o patrão manda às suas operárias rosas de seus dois grandes jardins, caprichadamente cultivados. Os alugueis de casa eram uma insignificância, sendo-gratis quando, numa mesma família, três pessoas trabalhavam na fábrica. Dormia-se na "Pedra" de portas abertas, sem medo nem risco de ladrões.

Aproveitando a imagem de Assis Chateaubriand e seguindo-lhe as indicações, podemos dizer que a "Fábrica da Pedra" se tornaria resposta, também ao Jeca Tatù, personagem realístico de Monteiro Lobato.

Noutro artigo (Diário de Pernambuco de 17 do mesmo mês de setembro), respondendo a um padre incompreensivo e desabusado, Assis confirma e acrescenta, em relação à "Fábrica da Pedra": "Aquêle lindo diamante solitário, encravado

numa zona adusta, desdobrou aos meus olhos um panorama de trabalho, de organização operária e social que não foi só meu o espanto, mas de todos os homens de inteligência que o têm visitado e com quem tenho trocado idéias: o Sr. Saturnino de Brito, o Sr. Eugênio Gudin, o Sr. Oliveira Lima, etc."

Quanto ao articulista incivil, aludindo aos castigos a que, fóra da expulsão, eram sujeitos os raros delinquentes na "Fábrica da Pedra" — algumas horas à sombra das baraunas —sugere, divertindo-se: A barauna com o reverendo".

Por depoimento dessa autoridade, vê-se que Delmiro Gouveia, como educador, civilizador, reformador social, continua a ser inexcedível em alguns aspectos, mantém-se inédito noutros. Adotava processos de relações humanas compreensivos, engenhosos, caprichosos, mesmo. Edificante caso do castigo infligido a um operário que havia maltratado a irmãzinha: em público, receberia de sua vítima inerme seis bolos de palmatória e doze beijos.

Biógrafos de Delmiro e pesquisadores de sua obra assinalam que fôra instituido na "Fábrica da Pedra" o regime de outo horas diárias de trabalho, com descanso aos domingos. Um dêles refere que as mulheres gestantes tinham três mêses de descanço no trabalho, antes e depois do parto.

São várias as referências às suas preocupações e iniciativas, promovendo a melhoria da pecuária na zona, através da importação de casais apurados de bodes, carneiros e de suinos raceados, grandes. Destaca-se que, principalmente no tocante aos bovinos, procurando aumentar a caixa do gado de corte com a mestiçagem do zebú, bem como aumentar a produção de leite através da cruza do gado holandez, e, ao mesmo tempo, cuidando do plantio de forragem selecionada (palma), seu exemplo frutificou de maneira notável. Plínio Cavalcanti alude à criação de porcos, tendo visto cêrca de 500 na engorda, mencionando-se, ainda, a criação de peixes, patos e marrecos, num lago artificial.

Um dêsses biógrafos faz revelação surpreendente, que não encontrei em outras fontes, do plano de Delmiro de plantar fumo, bem como cana para produzir açúcar e extrair celulose do seu bagaço, acrescentando que mandara analisar na Itália as nossas fibras — paco-paco, sizal, caroá — e ainda nossas cactáceas — xique-xique, mandacarú, coroa-de-frade, rabo-de-raposa, quipá (F. Magalhães Martins, ob. cit p. 190).

.. Um outro biógrafo, Pedro Motta Lima, atribui a Delmiro Gouveia êste colóquio com um seu compadre e administrador de mentalidade retógrada: "Imagine, compadre, o que será isso quando chegarem os arados e tratores, quando êstes solos forem ajudados pelos adubos de nossa fabricação" (apud F. Magalhães Martins, ob cit. p. 188).

Obra positiva, realmente notável, de Delmiro Gouveia, foi a da construção e da conservação de 520 quilômetros de estradas de rodágem, ligando a "Pedra" às estações ferroviárias de Garanhuns, em Pernambuco e de Quebrangulo, em Alagôas.

Pioneiro e inovador êle o foi, até, no vestuário, com o uso das roupas de linho branco, sendo que no trabalho vestia dolmans, conforme modêlo adotado pelos inglezes no trópico, ao que revela Gilberto Freyre, em "Ordem e Progresso".

A atuação de Delmiro Gouveia não foi de mero conformismo com o progresso, apenas seguindo-o, mas, ao contrário, antecipando-se, inovando, adeantando-se. Por isso mesmo, no centenário de seu nascimento, sua obra e sua ação progressistas, avançadas, apresentam-se além da própria atualidade.

O lucro nas mãos de Delmiro Gouveia era um lucro fecundo, multiplicador, tinha caráter distribuitivo e era, portanto, um lucro bemfazejo. Ao contrário de outros lucros entezourados, estéreis, sovinas, lucros suicidas.

Já se sugeriu que terá sido um realizador de obras públicas sem o dinheiro público, missionário sem a cruz.

Fato que tenho por desvendado, não comportando mais tendenciosas especulações, é o do assassínio de Delmiro Gou-

própria empresa, em legítima defesa da propriedade invadida e, coincidentemente, do bem comum.

Mais tarde, comprovada a desonestidade do atrabiliário político, foi êle demitido do cargo de Coletor Estadual em Pernambuco e mandado processar pelo Governador do Estado, General Dantas Barreto, que ascendera ao poder, derrotando o rosismo.

Nêsse deletério caldo de cultura — do despeito político e da rivalidade comercial — haveria de curtir-se o ódio contra Delmiro, levado ao extremo de seu trucidamento.

Singular destino êsse de Delmiro — perseguido até a destruição, pelo fogo, de bens patrimoniais e do bem da vida — em expiação do bem comum que foi obstado, pela morte cruel, de realizar, em tôda plenitude de sua ação criadora e generosa.

Mas, também, afastada a participação no assassínio, não se pode contestar, nem é de subestimar, mesmo, em nossos dias, a ação de trustes internacionais.

No caso da "Fábrica da Pedra", pondo de lado versões emocionais e, em quarentena, versões matreiras, não será dado desconhecer a pressão econômica, manifestada por várias, positivas e, as vêzes, artificiosas formas e manobras.

Delmiro Gouveia, nacionalista, sim, mas de um nacionalismo autêntico e, por isso, respeitável, não lhe impedindo ter sócios estrangeiros, contratar técnicos estrangeiros, trabalhar com retrato pregado nas paredes de um escritório comercial em New York. Mas êle dominando, dirigindo, mantendo-se irredutivelmente autônomo, independente, ousado em seus negócios e empreendimentos audazes.

Delmiro Gouveia, mais que industrial, mais que comerciante, mais que empresário, foi, em tempos antigos, moderno arquiteto do progresso, um Dom Quixote criador, sem moinhos de vento, arremessando-se à Cachoeira de Paulo Afonso para domá-la, para transformar o desperdício das águas revoltas e ruidosas em energia hidráulica, a mais produtiva, a mais multiplicadora, essa fôrça projetiva da natureza.


F000242